



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA PARAÍBA- UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES- DLH
CURSO DE LETRAS

A REPRESENTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO PODER FEMININO NAS
PERSONAGENS DALVA E LUCY NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO TUDO É
RIO DA AUTORA BRASILEIRA CARLA MADEIRA

ROGÉRIA VIEIRA DA SILVA

CATOLÉ DO ROCHA
2025

ROGÉRIA VIEIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO PODER FEMININO NAS
PERSONAGENS DALVA E LUCY NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO TUDO É
RIO DA AUTORA BRASILEIRA CARLA MADEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Prof. Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier

CATOLÉ DO ROCHA/PB
2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Rogéria Vieira da.

A representação e resignificação do poder feminino nas personagens "Dalva e Lucy" no romance contemporâneo "Tudo é rio" da autora brasileira Carla Madeira [manuscrito] / Rogéria Vieira da Silva. - 2025.
41 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2025.

"Orientação : Prof. Ma. Keila Lairiny Câmara Xavier, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA".

1. Poder. 2. Sociedade. 3. Mulheres. I. Título

21. ed. CDD 801.95

ROGÉRIA VIEIRA DA SILVA

**A REPRESENTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO PODER FEMININO NAS
PERSONAGENS 'DALVA E LUCY' NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO 'TUDO É
RIO DA AUTORA BRASILEIRA CARLA MADEIRA**

Trabalho de conclusão do curso, apresentado ao
Departamento de Letras e Humanidades da
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,
como um dos requisitos para obtenção do Grau
em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 06/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Keila Lairiny Câmara Xavier

Orientadora: Profa. Ms. Keila Lairiny Câmara Xavier
UEPB – CCHA/DLH

Jairô Bezerra Silva

Examinador: Prof. Dr. Jairô Bezerra Silva
UEPB – CCHA/DLH

Rafael José de Melo

Examinador: Dr. Rafael José de Melo
UEPB – CCHA/DLH

Ao meu Deus, por toda proteção e cuidado; a meu marido, por todo o incentivo durante essa jornada e a minha família, por todo o apoio, DEDICO.

“A gente passa a vida pelejando com o dilema de existir ou desistir, com o que é bom e o que é ruim, o certo e o errado, a morte e a vida. Essas coisas não se separam. O lugar que dói é o mesmo que sente arrepios. É no corpo, no amor e na liberdade de escolher as coisas que a gente fica inteiro ou desperdiçado. Então, pede para a parte boa dar conta da parte ruim” (Madeira, 2024, p.138).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus** por ser essencial em minha vida, iluminou o meu caminho, me dando força e coragem durante toda essa caminhada acadêmica. Por muitas vezes pensei que não iria conseguir. Passei por dificuldades durante essa jornada, mas foi a minha fé que mim guiou, ajudando-me a respirar fundo e confiar que tudo iria dar certo.

Sou grata ao meu marido, **Michael da Silva Dantas**, por sempre está comigo quando preciso, apoiando meus sonhos, ajudando no que for preciso, com amor e paciência. Aos meus pais, **Iracema Aparecida Vieira da Silva** e **Ricardo Cesar da Silva**, expresse minha profunda gratidão, pelo incentivo a continuar estudando e por acreditarem em mim. A minha irmã, **Maria Renata da Silva**, agradeço pelo incentivo e também por me ajudar a ser forte e enfrentar qualquer obstáculo e nunca desistir.

A minha prima, **Ana Alice Mariano da Silva**, gratidão pela sua amizade e companheirismo, sua presença fez total diferença durante essa jornada. A minhas amigas de sala, **Daiane Dias**, **Juliana Teixeira**, **Juliane Melo**, **Luciana Sousa**, **Vitoria Batista**, **Trácia Andrade**, que sempre estivemos juntas em todos esses anos de universidade, agradeço por toda amizade e energias positivas.

Sou grata ao **irmão Neto**, pelos seus conselhos e motivações acadêmicas, que me ajudaram a ver as coisas com novos olhos. Eterna gratidão a **todos os professores** do bloco de Letras da Universidade da Paraíba-UEPB, pelos ensinamentos, que são de fundamental importância na minha vida acadêmica e profissional. E, em especial, a minha orientadora **Keila Lairiny Câmara Xavier**, por corrigir com amor e paciência meu TCC, contribuindo para um bom desenvolvimento, mesmo não sendo da sua área, ajudou a colocar meu projeto pra frente, trazendo contribuições e orientações valiosas.

Por fim, mas não menos importante, a banca avaliadora, os professores **Jairo Bezerra Silva** e **Rafael José de Melo**, expresse profunda gratidão, por gentilmente aceitarem o convite para participar da minha banca examinadora de TCC. Agradeço aos seus ensinamentos, contribuições e o tempo dedicado a avaliação do meu trabalho.

A REPRESENTAÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DO PODER FEMININO NAS PERSONAGENS DALVA E LUCY NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO TUDO É RIO DA AUTORA BRASILEIRA CARLA MADEIRA

Rogéria Vieira da Silva

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a representação e ressignificação do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy no romance contemporâneo Tudo é Rio da autora brasileira Carla Madeira. O estudo aborda os seguintes objetivos específicos: a) Compreender a representação das personagens Dalva e Lucy por meio de suas relações sociais; b) Verificar a relação dessas personagens com o sistema patriarcal presente na sociedade brasileira; c) Identificar as características marcantes que estão sendo representadas dentro da obra por meio das personagens; d) Comparar as representações e significações do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy no romance Tudo é Rio. A abordagem metodológica de pesquisa é qualitativa, que dispõe de um modelo teórico de análise, buscando sentidos e significados, descritiva, detalha características de uma determinada população ou fenômeno, interpretativa procura significados mais amplos em relação à leitura e pôr fim a dedutiva, que chega a uma conclusão específica, partindo de uma teoria, hipótese ou ideia geral. Os autores que contribuíram para o nosso estudo, foram: Fernandes (2008), que toma como objeto de estudo, a análise do Discurso, Gil (2002 e 2008), analisa determinados tipos de pesquisa, Foucault (1988-1985-2009) aborda o conceito sobre poder, corpo e sexualidade e vários outros autores. Os resultados mostram que as personagens Dalva e Lucy, principalmente por serem mulheres, frequentemente enfrentam desigualdade, preconceitos e injustiças, muitas vezes por lutarem pelo que realmente desejam, conquistando sua força e autonomia. O poder que ambas exercem, pode ser entendido como uma ressignificação do papel feminino na sociedade, desafiando normas, mostrando que o poder pode se manifestar na luta por direitos, liberdade e identidade, representando uma força marcada por atitudes, comportamentos e resistência, além de permitir enxergar a vida de forma leve e compreensiva.

Palavras-chave: Poder. Sociedade. Mulheres.

THE REPRESENTATION AND RESIGNIFICATION OF FEMALE POWER IN THE CHARACTERS DALVA AND LUCY IN THE CONTEMPORARY NOVEL *TUDO É RIO* BY BRAZILIAN AUTHOR CARLA MADEIRA

Rogéria Vieira da Silva

ABSTRACT

This study aims to analyze the representation and resignification of female power in the characters Dalva and Lucy in the contemporary novel *Tudo é Rio* by Brazilian author Carla Madeira. The specific objectives of this research are: a) to understand the representation of the characters Dalva and Lucy through their social relationships; b) to examine the relationship of these characters with the patriarchal system present in Brazilian society; c) to identify the key characteristics embodied in the narrative through these characters; and d) to compare the representations and meanings of female power in the characters Dalva and Lucy in the novel *Tudo é Rio*. The research methodology is qualitative, comprising a theoretical analytical model aimed at uncovering meanings and significance. It is descriptive, as it details the characteristics of a given population or phenomenon; interpretive, as it seeks broader meanings related to reading; and deductive, drawing specific conclusions based on general theories, hypotheses, or ideas. The authors who informed this study include Fernandes (2008), who focuses on Discourse Analysis; Gil (2002, 2008), who discusses various types of research methodologies; and Foucault (1985, 1988, 2009), whose works address concepts such as power, the body, and sexuality, among others. The results indicate that the characters Dalva and Lucy, particularly as women, frequently face inequality, prejudice, and injustice—often due to their pursuit of personal desires—ultimately gaining strength and autonomy. The power they exercise can be understood as a resignification of the female role in society, challenging norms and demonstrating that power can be expressed through the struggle for rights, freedom, and identity. Their power is marked by attitudes, behaviors, and resilience, and it also allows for a more empathetic and nuanced view of life.

Keywords: Power. Society. Women.

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
2	REFLEXÕES SOBRE O CORPO EM FOUCAULT.....	14
3	O PODER EM RELAÇÃO AO CORPO FEMININO.....	19
4	A SEXUALIDADE EM FOUCAULT.....	23
5	DINÂMICA DE PODER E REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM TUDO É RIO: UMA ANÁLISE SOCIAL.....	28
5.1	Carla Madeira.....	28
5.2	Obra Tudo é Rio com representatividade na sociedade brasileira.....	29
5.3	Comparação das representações e significações do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy em Tudo é Rio.....	31
5.4	A mulher e o enfrentamento da violência doméstica retratado na obra e no meio social.....	34
5.5	A resignificação e representação do poder feminino.....	37
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É de conhecimento geral que nossa sociedade ainda vivencia um sistema patriarcal, moldada por julgamentos, domínio e poder, sobretudo, nas relações estabelecidas entre homens e mulheres, sendo a mulher subjugada por um sistema que inferioriza, associada a estereótipos e fragilidade. Nesse sentido, ainda temos a conservação de um ideário na sociedade, de que a mulher é inferior ao homem, e por isso, ser considerada um indivíduo frágil, designada aos papéis de esposa, mãe e dona de casa. Porém, percebemos que essa visão está mudando aos poucos com o passar dos tempos, principalmente devido aos movimentos de força feminina que vêm quebrando barreiras de estereótipos atribuídos às mulheres. Diante disso, nesse estudo buscamos analisar a representação e ressignificação do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy no romance contemporâneo *Tudo é Rio* (2024), da autora brasileira Carla Madeira.

Assim, o contexto atual se destaca radicalmente por transformação e evolução na vida social de muitas mulheres. Dessa forma, a obra de Carla Madeira, busca compreender as razões pelas quais as personagens Dalva e Lucy vivem em tais condições. Ambas, conquistam seu poder de formas diferenciadas, uma delas deseja conquistar seu espaço e autonomia, enquanto a outra exerce sua resistência e luta, acreditando na possibilidade de reconstruir sua família.

Assim, nesse cenário, é importante contextualizar temas como a violência, prazer, perdão e escolha, que são fundamentais para entender a realidade de muitas mulheres no Brasil. Essas cidadãs enfrentam uma constante luta pelo poder de tomar decisões, tanto em relação à sua profissão quanto aos seus relacionamentos. Essa reflexão ajuda a compreender melhor os desafios enfrentados pelas mulheres diariamente e a importância de valorizar sua autonomia e poder de escolha.

Levando em consideração este contexto, esta pesquisa levanta o seguinte questionamento geral: como acontece a representação e ressignificação do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy no romance contemporâneo *Tudo é Rio*, da autora brasileira Carla Madeira? Os nossos questionamentos específicos são: a) Como são construídas as representações das personagens Dalva e Lucy por meio das suas relações sociais? b) Que relação essas personagens mantem com o modelo de sistema patriarcal presente na sociedade brasileira? c) Quais características marcantes estão sendo representadas dentro da obra por meio das personagens? d) Quais as representações e significações comparadas por meio das personagens Dalva e Lucy?

Com o intuito de respondermos aos nossos questionamentos, este estudo tem como objetivo geral analisar a representação e ressignificação do poder feminino nas personagens

Dalva e Lucy no romance contemporâneo Tudo é Rio, da autora brasileira Carla Madeira. Diante desse objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: a) Compreender a representação das personagens Dalva e Lucy por meio de suas relações sociais; b) Verificar a relação dessas personagens com o sistema patriarcal presente na sociedade brasileira; c) Identificar as características marcantes que estão sendo representadas dentro da obra por meio das personagens; d) Comparar as representações e significações do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy no romance Tudo é Rio.

Nesse cenário, destacamos que a obra de Carla Madeira nos mostra um turbilhão de emoções, como amor, ódio, prazer e perdão, entre outros sentimentos, causando curiosidade e reflexão em quem está lendo a narrativa não só repercute dentro do livro, mas na nossa sociedade. A maldade nos olhos das pessoas em relação a sua profissão ou alguma decisão que queira tomar, sempre é motivo de desaprovação pela população e até mesmo por familiares.

A obra lança uma travessia no rio da vida, uma metáfora que revela por meio da narrativa os altos e os baixos, um conjunto de sentimentos e emoções que tensionam o sujeito, fazer escolhas, sem se importar com opiniões alheias, viver sua vida como deseja. A mulher tem um papel fundamental na construção do meio social, seja ela na formação da família, educação, profissão ou qualquer coisa que ela desempenhar, pois o lugar dela é onde ela quiser e independente da sua escolha deve ser compreendida e respeitada por qualquer cidadão dentro da sociedade.

Enquanto pesquisadora, a fundamentabilidade desse trabalho é justamente analisar como as personagens Dalva e Lucy exercem seu poder dentro da obra Tudo é Rio. Atualmente, vivemos num mundo cercado de preconceitos e desigualdades, muitas pessoas julgam sem saber. Assim, ver uma mulher tomar suas próprias decisões incomoda muita gente, devido a forma de agir, vestir, de se comportar e até de trabalhar. Diante disso, a sociedade ainda não se acostumou a ver mulheres tomarem suas próprias decisões, sem se importar com o pensamento alheio e viver sua vida como deseja. Com isso, esta pesquisa é de grande valor e de plena importância para projetos futuros que visa aprofundar o entendimento das mulheres que são vítimas de violência doméstica e o qual motivo podem recorrer a vender seu corpo, como também, está comparando desde uma obra literária para o meio social, adentrando os estudos das representações sociais das mulheres. Esses conhecimentos irão ajudar em diversas pesquisas, proporcionando explicações e ideias, permitindo ampliar conhecimentos, aprimorando diversos projetos.

Nesse contexto, destacamos contribuições relacionadas ao *corpus* de estudo, abordando questões presentes na obra que ajudam a refletir sobre os desafios atuais marcado

historicamente pela desigualdade, discriminação, mudança no aspecto de comportamentos, hábitos, pensamentos e muitos outros aspectos do mundo de hoje. Além disso, é fundamental analisar as mudanças de comportamentos e hábitos ao longo do tempo, e como influenciam na sociedade atual.

Nossa pesquisa é enquadrada como qualitativa, segundo Gil (2002, p. 90), pode-se afirmar que “pesquisas qualitativas dispõem previamente de um modelo teórico de análise, costuma-se verificar um vaivém entre observação, reflexão e interpretação à medida que a análise progride”. Assim, traz uma abordagem que busca sentidos e significados, características e relações. Além disso, a presente pesquisa é classificada como descritiva e interpretativa. Conforme Gil (2002, p. 42), “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis”. Esse é um método em que as informações são mais detalhadas e específicas, descrevendo uma realidade ou uma experiência. Já na pesquisa interpretativa (Gil, 2002, p. 79), “[...]procura-se conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica”. Por fim, o método é dedutivo, de acordo com Gil (2008, p. 9), “[...] de acordo com a acepção clássica, é o método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular”.

Além disso, o desenvolvimento dessa pesquisa será relevante para comparar e compreender as representações das personagens ‘Dalva’ e ‘Lucy’ com o sistema patriarcal presente na sociedade brasileira, identificando como que isso é retratado dentro da obra. Nosso trabalho encontra-se filiado a Análise do Discurso, especificadamente o pensamento do filósofo Foucault (1988, 1985, 2009), bem como com Fernandes (2008) e Gil (2002 e 2008).

Este trabalho divide-se em quatro tópicos principais, para melhor compreensão do tema. O primeiro discute as considerações iniciais, logo após, o segundo, com as reflexões sobre o corpo em Foucault, no terceiro aborda o poder em relação ao corpo feminino, já no quarto, a sexualidade em Foucault e para finalizar, o quinto está focado no capítulo analítico, dinâmica de poder e representatividade feminina em Tudo é Rio: uma análise social, dividindo-se em cinco subtópicos: Carla Madeira; obra Tudo é Rio com representatividade na sociedade brasileira; comparação das representações e significações do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy em Tudo é Rio; a mulher e o enfrentamento da violência doméstica retratado na obra e no meio social; a ressignificação e representação do poder feminino.

2. REFLEXÕES SOBRE O CORPO EM FOUCAULT

O filósofo Michel Foucault, em sua obra “Vigiar e punir” (2009), analisa as práticas disciplinares comuns no século XVIII, já que segundo a estrutura social quem não obedecia às normas, enfrentava punições severas, tais como: esquiteamento em público, açoitamento e torturas no calabouço. Com o passar do tempo, os castigos se tornaram intoleráveis e revoltantes, com isso, o sistema penal tornou-se mais justo e equilibrado, alterando a forma de penalização, fazendo com que as sentenças fossem proporcionais ao crime cometido. Assim, as punições passaram a incluir a privação da liberdade, serviços comunitários e entre outras alternativas. Essas mudanças visavam não apenas punir, mas também ajudar na formação de um comportamento mais adequado, tornando os indivíduos mais úteis e dóceis na sociedade.

Assim, de acordo com esse cenário, o corpo para Foucault (2009) era compreendido como alvo do poder, dentro de um campo de batalha, que se manifestava através das práticas de controle, moldadas para um comportamento eficiente dentro das instituições, como as escolas e prisões, sendo possível de ser treinado e manipulado. Com o surgimento da sociedade moderna, os gestos, movimentos, saberes, práticas e discursos, geram uma relação de sabedoria, em que as pessoas se relacionam de maneira mais integrada, contribuindo para um bom comportamento dentro da sociedade. É como Foucault (2009) afirma em sua obra:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontramos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam (Foucault, 2009, p. 132).

De acordo com o autor, o corpo pode ser aperfeiçoado, contribuindo para o funcionamento de uma sociedade moderna, permitindo corrigir desvios, tornando os indivíduos mais produtivos, atuando de forma eficiente, melhorando suas capacidades, sendo capazes de desenvolver determinadas funções dentro da sociedade. Foucault (2009), também destaca que: “É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 2009, p. 132). Nesse sentido, o corpo pode ser submetido a um processo de disciplina, aceitando mudanças e se ajustando às necessidades, permitindo-se uma transformação para se encaixar nos padrões ideais da sociedade.

Foucault (2009) engloba além da prisão outras instituições sociais como a escola, hospitais e até o exército, buscando extrair do corpo, o máximo de utilidade possível. Essa abordagem, parte do entendimento de que essas práticas disciplinares são fundamentais para garantir um bom desempenho do indivíduo na sociedade. Foucault (2009) afirma:

Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturaram a organização militar. Circularam as vezes muito rápido de um ponto a outro (entre o exército, as escolas técnicas e os colégios e liceus), às vezes lentamente e de maneira mais discreta (militarização insidiosa das grandes oficinas (Foucault, 2009, p. 134).

A citação mostra que os mecanismos de controle como a disciplina, regras e normas, passavam muito rápido de uma instituição para outra, começando nos colégios e logo partiram para escolas primárias e exércitos. Assim, a relação de controle foi se espalhando por diferentes instituições, monitorando e normatizando os comportamentos das pessoas. Até os hospitais passaram a adotar essa prática semelhante com o passar dos tempos, fazendo com que as pessoas se auto regulassem de modo eficiente, fazendo com que conseguissem gerenciar seus pensamentos e comportamentos para alcançar objetivos e manter um equilíbrio saudável.

As instituições como as escolas, hospitais e exércitos-orientavam as pessoas a adotarem comportamentos adequados, seguindo normas relacionadas a horários e atitudes consideradas perfeitas. As disciplinas, por sua vez, implicavam em um controle das atividades, por meio da manipulação, controlados temporalmente, tudo tinha a sua hora, o seu lugar e o que podiam ou não ser feito. Essa organização gerava um funcionamento eficiente, baseado em boas atitudes, preparando o indivíduo a estar apto a enfrentar qualquer situação dentro da sociedade. Segundo Foucault (2009):

Não se trata de fazer aqui a história das diversas instituições disciplinares, no que podem ter cada uma de singular. Mas de localizar apenas numa série de exemplos algumas das técnicas essenciais que, de uma à outra, se generalizaram mais facilmente. Técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância: porque definem um certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova "microfísica" do poder; (Foucault, 2009, p. 134).

Nesse trecho, Foucault (2009) mostra como as técnicas disciplinares são importantes para compreender como o poder funciona. Os comportamentos e pensamentos são moldados de forma sutil, leve e transparente, isso mostra que a microfísica do poder não está só nas grandes instituições sociais como o governo, família, religião e educação, mas também se encontra nas relações que acontecem no nosso dia-a-dia.

Nesse sentido, o poder se manifesta através das práticas sociais, culturais e históricas, que vão se transformando ao longo do tempo, é como a pesquisa de Souza (2011) afirma: “o poder não existe, existem práticas ou relações de poder, que são constitutivas do corpo social” (Souza, 2011, p. 194). Assim, o poder está presente em todas as relações sociais, refletindo na formação das práticas discursivas e saberes da realidade. Desse modo, o controle social sobre o corpo muda ao longo do tempo. Como afirma Cardoso (2011):

A lição que se aprende com a sucessão histórica das figuras da punição é que toda sociedade impõe um controle social sobre o corpo, mas a organização desse controle varia historicamente, de modo que o corpo é sempre objeto de acordo com diferentes práticas, dependendo das relações de poder em que está inserido. Para o poder disciplinar, o corpo é fragmentado a fim de que possa ser transformado em “corpo útil”, (Cardoso, 2011, p. 166).

Nesse contexto, ao longo da história, as sociedades sempre buscaram controlar as pessoas, por meio de punições e regras, de modo que, se tornasse um corpo útil, ou seja, que seguissem todas as exigências impostas pela sociedade. Assim, o poder disciplinar, mesmo com o tempo, decorrido até os dias de hoje, ainda molda o corpo dos indivíduos, sem que eles percebam, pois imitam as pessoas tempo todo, com o que fazem ou vestem, isso garante que se comportem de acordo com as normas estabelecidas, tornando-o mais produtivo dentro do campo social.

Nessa perspectiva, a prostituição é vista como uma prática que desafia as estruturas normativas, pois a sociedade é submetida a um controle de regras e comportamentos, que refletem na vida de muitas pessoas, principalmente as profissionais do sexo, de modo que, são monitoradas e controladas o tempo todo pela sociedade, com isso, são julgadas pela escolha da profissão, roupas e qualquer outra coisa que fizerem no seio da sociedade. Foucault (2009) destaca:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma” mecânica de poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (Foucault, 2009, p. 133).

Michel Foucault (2009), aborda uma relação entre poder e controle dentro de um campo social, baseado em um comportamento digno, em que tudo tem que ser feito com ética, integridade, respeito e responsabilidade. Nos dias de hoje, a relação de poder, está presente em várias situações do nosso cotidiano. Por exemplo, ela se manifesta no ambiente de trabalho, na roupa que vestimos, aparência e em outros fatores, que influenciam nas atitudes, emoções e decisões das pessoas. Assim, essa mecânica de poder exerce um controle sobre o corpo, moldando-o para que fique de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, refletindo na identidade e escolhas dos indivíduos, principalmente em relação às mulheres, que devem ser vistas como um bom exemplo na família e na sociedade.

Nesse contexto, pensando nas formas de poder, percebemos que o sexo feminino vive em constante vigilância, sendo seu corpo bastante monitorado pelas instâncias controladoras dos discursos. Isso ocorre porque a mulher é vista a partir de padrões formados, tais como: ser

esposa, mãe e dona de casa, mas muitas delas, gostam de viver aventuras prazerosas, exibindo seu corpo sem preocupações com normas impostas pela sociedade. Essa dominação de poder sobre seu corpo, inclui a uma liberdade de autonomia, sendo fundamental para promover uma igualdade de gênero e empoderamento feminino.

A relação entre o corpo feminino, envolve diversas questões, entre elas a violência doméstica, que é vista como um mecanismo de vigilância e manipulação. Desse modo, o agressor, dentro de sua própria casa, enxerga a mulher como frágil, se sentindo superior, impondo regras em como ela deve se comportar, se vestir e até mesmo onde pode ir tratando-a como se fosse dono de seu próprio corpo e quando ela não o obedece, recorre a violência, se submetendo a um ciclo de agressão física e mental. Foucault (2009) discorre:

A disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se autossustenta por seus próprios mecanismos e substitui um brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados. graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetua segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência (Foucault, 2009, p. 170- 171).

Dessa forma, o autor destaca que o poder pode ser controlado, sem precisar do uso da força ou violência, sendo assim, a disciplina é fundamental para ter um controle sobre suas próprias ações, se destacando de maneira eficaz, sem a necessidade do uso da agressão. Diante desses fatos, na sociedade atual, muitos homens se sentem donos de suas próprias companheiras, manipulando e judiando, sem pensar nas consequências, usando o poder e a força para satisfazer as suas necessidades.

Desse modo, o corpo é um lugar em que o poder se exerce, pois é visto tanto como objeto de desejo, quanto como alvo de controle social. Souza (2011) argumenta em seu artigo que:

[...]o uso filosófico que Foucault faz da História tem uma meta a de permitir-nos pensar de um modo novo nosso presente “o filosófico usa a história para encontrar raízes materiais, diagnosticar, reformular, problematizar ou dissolver o que ele identifica como os problemas filosóficos do seu tempo e situação” (Souza, 2011, p. 64).

Nesse contexto, Souza (2011) relata que para o filósofo Foucault, o uso da história ajuda não apenas para entender o passado, mas também para resolver problemas atuais relacionados ao cotidiano. Logo, o mundo moderno enfrenta diversos desafios e o passado contribui para transformar e identificar padrões, podendo proporcionar uma melhor qualidade de vida a todos os cidadãos.

Dessa forma, as estruturas sociais afetam a compreensão do mundo, possibilitando entender determinadas relações de poder que refletem nas identidades dos sujeitos. Assim, os desafios da modernidade, como a desigualdade, o preconceito, problemas relacionados à saúde física e mental, causam nos indivíduos uma pressão social, devido a um estilo de vida acelerado. Desse modo, Souza (2011) escreve que:

Esse domínio de objetos evidentes é amplo e diverso, indo desde os hábitos enraizados até as instituições inquestionáveis, desde regras ancestralmente legitimadas até nossos modos de fazer e de pensar a respeito dos quais excepcionalmente nos perguntamos. Atravessa tanto o domínio do discursivo (regras, modos de dizer e de pensar) como do não-discursivo (as instituições, os hábitos, os modos de atuar) (Souza, 2011, p. 50).

Dito isso, o estudioso relata que no pensamento foucaultiano é descrita uma abordagem crítica em relação às práticas consideradas naturais em nossas vidas, os pensamentos, hábitos e comportamentos, que mudam ao longo da história, abrangendo tanto o pensamento, como as ações praticadas no campo social. Sendo que as mudanças de modos, encontram-se em constante desenvolvimento e transformação ao longo dos anos.

Desse modo, a evolução da sociedade traz vários benefícios na qualidade de vida das pessoas, promovendo um bem-estar coletivo e individual, baseando-se em uma igualdade de gênero com respeito diante de todos os cidadãos, independente de qual sexualidade escolher. Na opinião de Vieira (2005):

Os sujeitos ativos estabelecem uma negociação entre o papel do sujeito assujeitado e o do livre, estabelecendo um meio termo nessa atuação e, ao fazerem de sua história um modelo *sui generis*, os indivíduos tornam-se pessoas realmente únicas, mesmo que cada sujeito agregue variantes sociais e cognitivas construídas com base na história e na reflexão a respeito do mundo e de si mesmo apresentava marcas exclusivas que se incorporam a sua identidade (Vieira, 2005, p. 213).

Na visão de Vieira (2005), os sujeitos assujeitados são influenciados pelas circunstâncias, pois tudo ao seu redor, como a sociedade, família, escolhas, pensamentos e comportamentos, moldam a forma de agir, enquanto o sujeito livre, busca sua própria liberdade e identidade. Com isso, o equilíbrio entre esses dois termos, fazem com que a história de vida seja "*Sui generis*", que significa ser único, refletindo em suas experiências e escolhas, baseando-se em sua trajetória, mesmo com toda influência a sua volta, o equilíbrio torna-se fundamental.

Os indivíduos, dentro de uma sociedade moderna, conseguem um equilíbrio quando envolve uma liberdade mais aberta, permitindo que construam a sua história com base em suas experiências vividas de acordo com seus comportamentos, atitudes, sexualidade e personalidade. Essa liberdade, muitas vezes acaba gerando julgamentos por parte da população,

principalmente quando as escolhas não seguem um padrão social desejado, como referente a sexualidade, o corpo e até mesmo a profissão escolhida. No entanto, mesmo diante dessas diferenças, o respeito é fundamental dentro do meio social, tendo regras ou não.

Portanto, a sociedade evolui junto com os indivíduos, e os hábitos mudam com o passar dos tempos. Antigamente, o corpo era alvo de poderes controladores, tudo era baseado em atitudes perfeitas, impostas por instituições sociais reguladoras de comportamentos. No próximo tópico, iremos discutir sobre a relação entre poder e corpo feminino.

3. PODER E CORPO FEMININO

O poder em relação ao corpo feminino envolve questões de autonomia, força e resistência, já que diariamente a mulher enfrenta diversas críticas dentro da sociedade, oriundas, sobretudo, pelo seu tipo de roupa, a sua profissão, o seu peso e comportamento. O corpo ideal, acaba se tornando um sonho que muitas vezes custa caro, e por mais que busque a perfeição nunca se contentam com a beleza que já tem. Desse modo, os procedimentos estéticos contribuem para que o corpo humano se torne mais valorizado em termos de estética. Por outro lado, há mulheres que se consideram belas, independentes de opiniões externas, sem preocupação com um corpo ideal, promovendo um bem estar físico e emocional.

O poder feminino não está ligado somente ao corpo, mas sobretudo a outros fatores dentro da sociedade, como a cultura, a história, a luta por direitos, escolhas e decisões. A mulher, diariamente, vive rodeada por olhares e desejos, mesmo quando o ser que a observa ou regula age de forma respeitosa e comportada, suas roupas, mesmo estando longas e sem decotes, são vítimas de desejos alheios. Dessa forma, o corpo da mulher é algo que chama muita atenção, devido a ser visto também como objeto de prazer sexual. Segundo Foucault (1979):

O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor (Foucault, 1979, p. 83-84).

Segundo o autor, o poder influencia a nossa relação com o próprio corpo, práticas como exercício físico, ginástica e procedimentos estéticos, ajudam a conhecer e valorizar o corpo, promovendo prazer, saúde, autonomia e liberdade. Essas ações representam um investimento e

controle sobre o corpo, muitas vezes desafiando normas e regras impostas pelo poder exercido pela sociedade.

Algumas mulheres, ao expor seu corpo com roupas provocantes, ajudam a seduzir homens e levá-los para cama. Assim, a prostituta vê seu corpo como uma fonte de trabalho, dinheiro e prazer, sendo recompensada de maneira gratificante por sua atuação”. O desejo que incita ao cultivo da aparência e da saúde atinge tanto homens e mulheres na busca por recursos de manipulação física para a vivência do bem estar e da sedução.” (Magalhães; sabatine, 2011, p. 135). Com isso, a realidade é construída por uma relação de poder que molda as pessoas quanto a forma de agir e viver.

Com o passar dos tempos, a prostituição passou a ser considerada uma profissão, mulheres vendem o seu próprio corpo para adquirir prazer. “As profissionais do sexo, por se encontrarem à margem dos padrões considerados normais para aquele período (mãe, esposa, santa, virgem, fiel), passam a ser encaradas como seres egoístas, infiéis e com ausência de castidade” (Guimarães, 2007, p. 30). Desse modo, antigamente a mulher tinha que ter feminilidade a uma figura de esposa, mãe e dona de casa, pois a indecência era considerada pecado.

Nos dias atuais, a mulher possui o direito de ter poder sobre seu próprio corpo, o que inclui a liberdade de tomar decisões sobre sua saúde, bem-estar e vida no geral, não se deixando influenciar por opiniões alheias, que muitas vezes podem ser prejudiciais à sua saúde emocional. Por isso, é fundamental que a mulher trabalhe na construção de uma auto estima, reconhecendo seu valor, porém, a beleza não está somente em um corpo bonito, mas nas atitudes, personalidade, inteligência, e muitas outras qualidades. De acordo com Sandra Andrade (2003):

[...] o que é o corpo: aquele cantado em versos ou aquele da ciência; aquele que a mão acaricia ou aquele da estética; aquele da juventude ou aquele da velhice; aquele da mídia e do mercado de consumo ou aquele descrito como natural; aquele do homem ou aquele da mulher; aquele da religião ou aquele da lei; aquele da arte ou aquele da medicina; aquele da cirurgia plástica ou aquele da academia. (Andrade, 2003, p. 120).

As representações do corpo feminino são diversas, passando pela ciência, medicina e cultura, administrando um conjunto de saberes no decorrer da história. Compreender o papel da mulher na sociedade, influencia na sua identidade, sendo fundamental para o reconhecimento de suas conquistas e lutas dentro do meio social. Sendo assim, a liberdade de fazer escolha, é essencial para que as mulheres se tornem donas de si, correndo atrás de seus sonhos, sendo o que tem vontade de ser, desde uma dona de casa, prostituta, engenheira ou outra profissão,

exercendo seus direitos, buscando objetivos para viver de acordo com suas próprias necessidades.

O corpo feminino é capaz de gerar vidas, se adaptando a diversas situações e desafios do dia a dia, abrangendo uma força capaz de suportar tudo à sua volta. Passar por um processo em que seu corpo está em transformação não é fácil, acaba afetando seu emocional, se sentindo feia e desconfortável. O corpo é tudo aquilo que somos, desse modo, a autoestima da mulher depende de sua aparência, como está seu corpo, cabelo e outros aspectos físicos, valorizando sua beleza exterior e interior, trazendo um aspecto saudável, ao se olhar no espelho.

A mulher tem um papel fundamental na formação da família, transmitindo conhecimentos e valores a seus filhos, para que se tornem, pessoas responsáveis e fortes para enfrentar o mundo à sua volta. A valorização do corpo feminino, estimula a uma reflexão que se adentra a vários fatores dentro da sociedade, desde se dedicar somente a casa, ao marido e aos filhos, como também a se adequar a padrões de beleza impostos pela sociedade. De acordo com Foucault (1985):

O que convém aos adultos é um regime completo da alma e do corpo... tratar de acalmar as próprias pulsões (harmai), e de fazer de forma que nossos desejos (prothumiai) não ultrapassem nossas próprias forças “. Não se trata, portanto, nesse regime de instaurar uma luta da alma contra o corpo; nem mesmo de estabelecer meios pelos quais ela poderia se defender face a ele; trata-se, para a alma, antes de mais nada, de corrigir-se para poder conduzir o corpo segundo uma lei que é a do próprio corpo (Foucault, 1985, p. 68).

É importante reconhecer que a mulher tem o poder sobre seu corpo, sua sexualidade e seus desejos, promovendo uma aceitação que se associa a um símbolo de empoderamento e resistência. No entanto, dentro do meio social, o corpo da mulher é frequentemente associado à maternidade, sexualidade e beleza. Andrade (2003, p. 121) relata: “As representações de corpo ao longo do tempo, algumas vezes permanecem as mesmas, em outros momentos, sofrem rupturas e reformulações em relação aos padrões estéticos vigentes”. Na medida em que o tempo passa, as mulheres vão mudando seus pensamentos e comportamentos para se adequar a uma modernidade cheia de diversidades e contradições.

No mundo moderno de hoje, o corpo da mulher é um espaço de identidade e personalidade, que resulta em uma idealização e valorização da estética feminina, impactando na autoestima da mulher, levando-a a se sentir pressionada sobre seu corpo e aparência física. Dito isso, Barbosa (2021) afirma:

As práticas de Dominação Feminina se configuram por performances que alteram os papéis de gênero e que produzem inflexões nos parâmetros tradicionalistas e

normalizadores de sexualidade e gênero, aparecendo como oportunidades novas de experimentação de si e uso dos prazeres para mulheres (Barbosa, 2021, p. 194).

Com base na reflexão de Barbosa (2021), as práticas de dominação estão focadas nas formas de expressão que desafiam as normas tradicionais de uma sociedade, tudo com base em um comportamento adequado. Isso permite que as mulheres explorem novas formas de vivenciar a sua sexualidade, proporcionando uma liberdade de escolha, em que, para algumas, o seu corpo pode representar o vínculo da maternidade, enquanto para outras, pode ser uma fonte de divertimento e prazer.

A aceitação e valorização do corpo é fundamental para promover uma visão mais inclusiva e positiva em relação às mulheres, porém, muitas dependem do seu corpo para se sentirem bonitas, prejudicando até a saúde, para ter um corpo perfeito. No entanto, muitas mulheres estão ligadas a padrões de beleza, de um corpo idealizado, que podem levar a comportamentos prejudiciais a elas mesmas, incluindo dietas extremas, excesso de procedimentos estéticos e até mesmo causando ansiedade.

Portanto, a identidade da mulher depende do seu corpo e sua saúde, tanto física como emocional, proporcionando para si um conforto e bem-estar. Assim, a autoestima parte de uma valorização saudável do corpo, cultivando o máximo de qualidades, habilidades e até os defeitos, que ajudam a se reconhecer, transmitindo confiança, para enfrentar julgamentos do dia a dia. Para Andrade (2003):

Tais relações estão, de forma intrínseca, relacionadas com a produção de determinados saberes – sobre o corpo, sobre a sexualidade, sobre o que é ser homem ou mulher em determinado lugar ou tempo histórico. Ou seja, as relações de poder atuam (imbricadas numa rede de saberes) através ou sobre os corpos, em determinados contextos, produzindo efeitos de sentido, produzindo identidades sociais e culturais particulares (Andrade, 2003, p. 122).

A sexualidade e o corpo estão de fato interligados a questões relacionadas ao poder. As normas e os contextos culturais ajudam a influenciar no comportamento das pessoas, buscando sempre se adequar a um ideal de perfeição. Assim, o corpo é profundamente afetado por dinâmicas de poder e pela pressão que a sociedade põe, principalmente em relação às mulheres.

O poder que a mulher exerce sobre seu corpo é surpreendente, não somente em relação a sexo e desejos, mas também a questões ligadas ao poder de escolhas, atitudes e comportamentos. Esses comportamentos ajudam a mulher a ter confiança em si mesma e adquirir uma autoestima elevada, buscando sempre se priorizar antes de qualquer outra coisa. Segundo Foucault (1988):

Açambarca o corpo sexual. Há, sem dúvida, aumento da eficácia e extensão do domínio sob controle, mas também sensualização do poder e benefício de prazer. O que produz duplo efeito: o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto reflui em direção ao poder que o cerca (Foucault, 1988, p. 44).

O poder está inserido em diferentes formas, no corpo, na sociedade e também se referindo ao indivíduo. “O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar” (Foucault, 1988, p. 44). Com base na citação de Foucault (1988), busca uma espécie de força, que atrai aspectos em relação à sexualidade e ao poder, refletindo no corpo e sexualidade da mulher, buscando uma espécie de domínio, em que, principalmente, o homem sente o desejo de dominar.

Contudo, o poder da mulher está em seu corpo, suas curvas e suas atitudes. A sociedade atual ainda vê a mulher como fonte de desejo, pois sua beleza atrai admiração e fantasias sexuais que levam os homens a pensar em dominá-las e levá-las para a cama. Sendo assim, a mulher tem o direito de se cuidar e vestir o que quiser, sem se preocupar com olhares e desejos dentro de um meio social. Nesse sentido, o próximo tópico irá abordar como a sexualidade é vista dentro de um contexto social.

4. A SEXUALIDADE EM FOUCAULT

Foucault (1988) analisa a sexualidade dentro de um contexto histórico, social e cultural, destacando a importância de examinar as práticas discursivas relacionadas à história ao longo do tempo. Durante o século XVII, havia uma abertura para discutir sobre sexo, mas com o passar dos anos, a burguesia impediu esse diálogo, tornando-se o tema mal visto na sociedade. Assim, a sexualidade passou a ser tratada como um segredo, discutida e praticada somente dentro de casa, sendo associada exclusivamente à reprodução e não ao prazer. O filósofo Michel Foucault afirma em seu livro: *A história da sexualidade 1: a vontade de saber*:

Falar contra os poderes, dizer a verdade e prometer o gozo; vincular a iluminação, a liberação e a multiplicação de volúpias; empregar um discurso onde confluem o ardor do saber, a vontade de mudar a lei e o esperado jardim das delícias — eis o que, sem dúvida, sustenta em nós a obstinação em falar do sexo em termos de repressão; eis, também, o que explica, talvez, o valor mercantil que se atribui não somente a tudo o que dela se diz como, também, ao simples fato de dar atenção àqueles que querem suprimir seus efeitos (Foucault, 1988, p. 12).

Desse modo, Foucault (1988) argumenta que a sexualidade foi historicamente cercada por repressões em uma sociedade hipócrita. Essa repercussão gerou, por sua vez, desejos por

liberdade e prazer. Com o desenvolvimento do capitalismo e a ascensão da ordem burguesa, a percepção da sexualidade começou a mudar, passando a ser vista como uma forma de libertação e uma oportunidade para novas descobertas.

Um ponto importante no pensamento foucaultiano, é entender como os discursos permitem que o poder controle os prazeres cotidianos, comportamentos e o corpo. O filósofo Foucault (1988) destaca que:

Deve-se falar do sexo, e falar publicamente, de uma maneira que não seja ordenada em função da demarcação entre o lícito e o ilícito, mesmo se o locutor preservar para si a distinção (é para mostrá-lo que servem essas declarações solenes e liminares); cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se (Foucault, 1988, p. 27).

Nesse sentido, Michel Foucault (1988) é uma figura fundamental nos estudos de gênero e sexualidade. Em suas obras, ele realiza uma análise crítica das relações de poder, destacando que não são apenas repressivas, mas também produtivas, isso significa, que as normas de gênero e sexualidade são criadas por meio de discursos, definindo o que é considerado normal, com base em comportamentos individuais do ser humano. O sexo deve ser gerenciado de maneira responsável promovendo o bem-estar a todos, sendo administrado e orientado de forma saudável, evitando julgamentos, pois não é apenas uma questão biológica ou natural, mas também uma questão social e histórica.

Além disso, a sexualidade foi frequentemente reprimida e silenciada pelas instituições sociais, como a Igreja, o estado e a escola. Essas instituições regulam e administram a vida das pessoas, promovendo discursos, que controlam e normatizam comportamentos. “Através da economia política da população forma-se toda uma teia de observações sobre o sexo” (Foucault, 1988, p. 28). Assim, a repressão não se limita a proibições, mas se configura como uma forma de poder.

Foucault, propõe que a liberdade sexual não é simplesmente uma questão de libertação, mas também um campo de luta e resistência. Nesse contexto, as identidades e práticas sexuais, são constantemente moldadas, com tentativas de normatizar e controlar os comportamentos sexuais na modernidade. Os discursos sobre a sexualidade, abrange aspectos biológicos, emocionais, sociais e culturais, promovendo a compreensão, o respeito e a aceitação. Segundo Fernandes (2008):

Para falarmos em discurso, precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História. Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as

transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana (Fernandes, 2008, p. 13).

A citação menciona, que a sexualidade é influenciada por contextos históricos e ideológicos. Portanto, os discursos sociais vivem em constante transformação, à medida que a sociedade vai se modernizando, os discursos vão se adaptando à realidade. No mundo atual, o sexo ainda é visto como preconceituoso e cheio de estereótipos, mas é uma questão que está associada a uma necessidade básica do ser humano. A sexualidade não se relaciona somente com a busca por prazer, mas também tem influências psicológicas, sociais, religiosas e entre outros fatores, que repercutem dentro de nosso meio social.

[...] tais práticas seriam consideradas por ele como práticas de liberdade, isto é, como um modo de existência que se contrapõe à imobilidade das relações de poder e à sedimentação dos estados de dominação, visando resistir a elas, por meio do ensaio de novas relações e da experiência da recriação de si, por meio do cuidado para consigo e para com os outros (Pagni, 2011, p. 27).

A liberdade do indivíduo está ligada a questões de corpo e direito, resistindo a relações de poder e promovendo um ambiente justo e igualitário na sociedade. As estruturas de poder podem levar os indivíduos a serem manipulados de acordo com normas estabelecidas, mas o direito de se opor é fundamental, esse ato de resistência não apenas desafia as imposições sociais, como também, cultiva o autocuidado e busca novas formas de relacionamentos, proporcionando uma boa relação com outros indivíduos.

O corpo é o resultado dos acontecimentos e como tal é atravessado por valores, sentidos e discursos que se materializam e determinam o seu modo de relação e funcionamento, de acordo com as leis, contratos e instituições que regem o contexto pelo qual o mesmo é produzido (Pagni, 2011, p. 75).

O corpo humano é influenciado por diversos fatores sociais, que acabam afetando a saúde e o bem-estar das pessoas. O contexto social não molda somente o corpo, mas também a forma de se relacionar com o mundo, ou seja, o corpo é visto como um reflexo, que pode ser controlado para seguir o que a sociedade impõe. Desse modo, a sexualidade não é apenas uma questão de desejo, mas se entrelaça com estruturas de controle e poder social.

Ao longo da história, a sexualidade sempre foi regulamentada por normas e regras. Hoje em dia, por mais que haja uma maior liberdade, ainda existe um controle social que influencia na forma em que o indivíduo age, como os comportamentos, opiniões e escolhas, principalmente quando se fala sobre sexualidade, sempre é alvo de debates. Os avanços contemporâneos, ajudaram os indivíduos a se reconhecerem, desempenhando um papel

fundamental na aceitação das identidades individuais, contribuindo para um ambiente mais inclusivo. Para Foucault (1985):

Convém, ao contrário, sublinhar que a atividade política local não foi abafada pela instauração e pelo esforço dessas grandes estruturas globais; a vida das cidades, com suas regras institucionais, suas articulações, suas lutas, não desaparece em consequência da ampliação do quadro em que se inscreve, nem por contragolpe ao desenvolvimento de um poder de tipo monárquico (Foucault, 1985, p. 89).

Foucault, argumenta que mesmo com estruturas de poder, a política local continua sendo relevante, ajudando a população a se adaptar e enfrentar desafios, como as mudanças que acontecem no decorrer dos anos, garantido o bem estar de todos. O poder está presente em diversas relações sociais, influenciando as experiências e práticas cotidianas, tornando-se um espaço de luta e resistência.

A liberdade e a autonomia do indivíduo, está ligada a questões de conhecer seu corpo e sua própria sexualidade, de forma reflexiva, destacando a importância de se cuidar. O autocuidado é fundamental para a construção da identidade e liberdade, pois ajuda na construção da subjetividade do sujeito. “Uma existência racional não pode desenrolar-se sem uma prática de saúde - *higiene pragmática* ou *techne* - que constitui, de certa forma, a armadura permanente da vida cotidiana, permitindo a cada instante saber o que e como fazer”(Foucault, 1985, p. 107). Com isso, as práticas relacionadas à saúde são fundamentais para a construção de uma vida saudável e organizada.

Foucault (1985) relata que o corpo humano é um espaço na qual a pessoa pode realmente explorar seu corpo, cuidando de si e permitindo conhecer sua identidade, entrelaçando relações de poder sobre si mesmo. Foucault (1985) destaca que:

Pode-se caracterizar brevemente essas “culturas de si” pelo fato de que a arte da existência- a *techne tou biou* sob as suas diferentes formas- nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “ter cuidado consigo”; é esse princípio do cuidado * de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática (Foucault, 1985, p. 49).

Cuidar de si mesmo, portanto é fundamental para uma vida saudável. O corpo passa por um processo de autocuidado, refletindo em ações, emoções e pensamento, contribuindo para um bom desenvolvimento do cidadão. Seguindo o pensamento foucaultiano, o autor Pagni (2011) assevera em suas pesquisas: “analogamente ao que ocorre com o conhece-te a ti mesmo em relação ao cuidado de si, o ato de pensar e de conhecer é tão importante quanto os exercícios de meditação” (Pagni, 2011, p. 31). Assim, uma parte essencial do autocuidado é compreender

as nossas identidades e desejos, ajudando o indivíduo a se conhecer e ficar bem com o seu corpo e sua sexualidade.

Nesse contexto, a sexualidade é caracterizada como um aspecto complexo da vida humana, que envolve a saúde sexual, mental e física. Essa questão da identidade de gênero corresponde à identificação do indivíduo como homem ou mulher, abrangendo não apenas a orientação sexual, mas também questões de conhecimento sobre o que realmente deseja, pois, emoções, pensamentos, sentimentos, ações, desejos e poder, abrangem a forma de como as pessoas se sentem em relação a si mesmos e aos outros:

O sexo e seus efeitos não são, talvez, fáceis de em compensação, assim recolocada, sua repressão é facilmente analisada. E a causa do sexo — de sua liberdade, do seu conhecimento e do direito de falar dele — encontra-se, com toda legitimidade, ligada às honras de uma causa política: também o sexo se inscreve no futuro (Foucault, 1988, p. 11).

Nesse sentido, Foucault (1988) aborda que o sexo é difícil de compreender, mas é fácil de se analisar, pois é um tema complexo que envolve diversos aspectos físicos, sociais e emocionais. Embora seja difícil de se compreender, pode ser analisado de forma clara e objetiva, focando até mesmo nos comportamentos das pessoas. Dentro de um contexto social, a liberdade sexual influencia nas experiências, necessidades, valores e atitudes do indivíduo.

A sexualidade sempre foi objeto de controle na sociedade devido a instituições como a família, a medicina e o Estado, que exerciam sobre a vida das pessoas um poder regulador de fazer e seguir sempre um padrão, sem desafiar as normas sociais. Diante disso, Foucault (1988) constata:

Mas o essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado (Foucault, 1988, p. 22).

Os discursos sobre sexo geram uma discussão mais ampla, promovendo um pensamento mais aberto e reflexivo, permitindo que as pessoas narrem suas experiências vividas e como se sentem em relação a sociedade. Essa troca de ideias ajuda o indivíduo a compartilhar suas opiniões, que, por sua vez, promovem a aceitação e o respeito, contribuindo para a evolução de uma sociedade mais informada, em relação à sexualidade.

Enfim, a liberdade é essencial para um conhecimento integral sobre o corpo, permitindo entender e explorar a sexualidade, desenvolvendo uma conexão maior, sentindo-se livres para decidir sobre suas identidades, necessidades e desejos. No entanto, as formas de poder impostas

pela sociedade, muitas vezes, tentam influenciar as pessoas, mesmo sem perceber, através de ações, palavras e até mesmo em nossa linguagem corporal, ocorrendo de maneira sutil. No próximo tópico, iremos iniciar o nosso capítulo analítico, abordando características marcantes, em temas como o poder e representatividade das personagens Dalva e Lucy.

5. DINÂMICA DE PODER E REPRESENTATIVIDADE FEMININA EM TUDO É RIO: UMA ANÁLISE SOCIAL

Nos próximos tópicos, iremos nos deter a análise e interpretação do *corpus* desta pesquisa. O objetivo desta seção é analisar a representação e resignificação do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy no romance contemporâneo Tudo é Rio da autora brasileira Carla Madeira.

Para garantir que o leitor consiga compreender detalhadamente o que se pode observar na obra de Carla Madeira, a nossa organização primeiro começa com uma breve apresentação da autora Carla Madeira, contando um pouco de sua vida e trajetória. Em seguida, abordaremos sobre a comparação das representações e significações do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy em Tudo é Rio, por fim, obra ‘Tudo é Rio’ com representatividade na sociedade brasileira, contendo dois subtópicos, a mulher e o enfrentamento da violência doméstica retratado na obra e no meio social, e o último, a resignificação e representação do poder feminino.

Para finalizar, a obra de Carla Madeira, ‘Tudo é Rio’, nos oferece uma reflexão profunda sobre as dinâmicas de poder, especialmente no que diz respeito às mulheres na sociedade brasileira. Ao analisar as personagens Dalva e Lucy, suas experiências e acontecimentos presentes na obra, podemos perceber como as representações do poder feminino podem variar diante de diferentes desafios e acontecimentos. Além disso, a obra nos ajuda a compreender e refletir sobre a importância de resignificar essa configuração do poder, promovendo uma visão mais consciente em relação às mulheres na sociedade atual.

5.1 Carla Madeira

Carla Madeira nasceu em Belo Horizonte no ano de 1964, onde atualmente reside. Formada em jornalismo e publicidade, também é sócia e diretora de criação da agência Lápis Raro. Um dos grandes nomes da literatura brasileira contemporânea, seus romances são intensos, marcados por serem cheios de emoção do começo ao fim. Suas obras como Tudo é

Rio, A Natureza da Mordida e Véspera, entram na lista dos livros contemporâneos mais vendidos nos últimos anos.

Em 2014 lançou seu primeiro romance Tudo é Rio, em uma pequena editora recém fundada ‘Quixote’, e em 2021, o livro ganhou uma nova edição pela editora Record, vendendo muitos exemplares em pouco tempo, e não demorou para se tornar um sucesso no país, ganhando um prêmio de melhor livro do ano de 2024, dos autores Lusófonos, uma das maiores e mais antigas rede de livrarias de Portugal.

Em entrevistas em que foi convidada pela TV Cultura, programa Roda Viva em março de 2023, e na TV Brasil, Canal do Youtube, Carla Madeira conta como foi sua trajetória ao construir suas obras. Desde muito nova sempre gostou de músicas e pinturas, isso contribuiu para que começasse a escrever, pois na adolescência cantava e produzia suas próprias canções. Ao começar a criar sua primeira obra, ela não imaginava que iria repercutir e virar um livro, escrevia mais por robe e não como trabalho.

Carla Madeira Carneiro, começou a escrever sem saber se era um conto ou simples anotações, após a cena central em que Venâncio joga o filho contra a parede, ela não sabia como poderia continuar, e isso fez com que parasse de escrever por 14 anos, pois não tinha recursos e nem condições para resolver a situação dentro da história que estava criando, porque, ainda não tinha noção sobre o mundo da maternidade.

Durante o tempo em que esteve sem escrever, engravidou, e isso ajudou com que retomasse sua escrita. Em apenas oito meses dedicou-se a escrever todos os dias, terminando o livro. A liberdade em sua escrita encanta e prende o leitor, é como ela fala durante as entrevistas: “Escrever é como encaminhar as angústias”, fazendo com que a vida siga em frente mesmo passando por dificuldades.

Os seus livros e histórias surgem através de acontecimentos, que geram um apego emocional, levando a imaginar as cenas. Suas histórias, tem que ter alguma coisa relacionada a tragédia e acontecimentos marcantes que mudam a vida das pessoas dentro da obra. A temática da família é um tema central e recorrente nas obras da autora são narradas com intensidade, deixando o leitor curioso com os próximos acontecimentos da narrativa, explorando a complexibilidade humana como traumas, violência e maternidade.

5.2 Obra Tudo é Rio com representatividade na sociedade brasileira

A obra de Carla Madeira, Tudo é Rio é uma travessia de movimentos constantes, fluindo como os altos e baixos da vida, que se modificam ao longo do tempo. A obra organiza-se por

capítulos que vão e voltam no decorrer da leitura, destacando o uso de figuras de linguagem, metáforas, um estilo de escrita surpreendente que impacta e apaixona ao mesmo tempo, quem está lendo, é um conjunto de sentimento dentro da narrativa que não se pode controlar: ódio, amor e raiva.

Na trama, a autora narra um casal apaixonado, Dalva e Venâncio, que causava inveja por onde passavam, mas por causa de um ciúme doentio, Venâncio acaba cometendo uma tragédia, espancando a mulher e arremessando o filho contra a parede. Carla Madeira (2024) descreve em sua obra que:

O amor tem nome, mas não é nada que a gente possa reconhecer só de olhar. A dor a gente sabe o que é, tem lugar e intensidades que cabem na ciência. A raiva, o medo, o ódio entortam a cara com um jeito provável de se manifestar. Mas e o amor? O que é senão um monte de gostar? (Madeira, 2024, p. 19).

É com essas considerações, que buscamos refletir no decorrer deste trabalho, pois é justamente o que se passa na sociedade atualmente, o homem ver a mulher como um objeto cuja posse é sua e por esse motivo, pensa que tem o poder e o direito sobre ela. Com isso, Venâncio perdeu o amor de Dalva por conta de seu temperamento explosivo, carregando sua própria tragédia nas costas, o silêncio da mulher e a indiferença, anula a sua existência, tornando-se dois desconhecidos dentro de casa. Dalva convive com o marido durante anos, com o poder aflorado em seu corpo, puniu e viu o sofrimento do marido de perto, mas também ela idealiza com esperança seu casamento voltar a ser como antes cheio de amor e confiança.

Partindo desse ponto, uma personagem também muito importante na narrativa é Lucy, órfã, que mora com a tia, e ao crescer descobriu seu corpo e começou a usá-lo como profissão, ficando bastante famosa em uma pequena cidade. Lucy tinha um desejo e obsessão por Venâncio, marido de Dalva, que mal sabia, que ele carregava toda uma angústia nas costas. A obra carrega um fluxo na escrita poética, tensionada pelo desejo, traição e violência. Para o historiador Foucault (1988)

O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder (Foucault, 1988, p. 44).

Ao fazer essa relação, Foucault (1988) mostra que a sexualidade tem o poder e benefício do prazer, que durante séculos, o sexo era centro da existência, desde a idade moderna através

da igreja e outros meios, acabou sendo autorizado e a busca através das experiências sexuais, foi tornando-se uma coisa natural para a sociedade naquele tempo, mas quando envolve o discurso sobre a sexualidade, principalmente se for algo relacionado ao prazer, ainda é bem problemática e preconceituosa por algumas pessoas e instituições na sociedade atual.

Contudo, vivemos em uma sociedade marcada pela desigualdade, discriminação e violência. A mulher está em constante transformação, permitindo novas escolhas, compreensão e preferências individuais, criando sua própria autonomia, em relação a profissão, família ou comportamentos, essas escolhas, independentes do que for, devem ser respeitadas. Dessa forma, percebe-se que a mulher tem seu poder de decisão, ou seja, buscar o que deseja, lutar e ter esperança em reconstruir sua família, mesmo tendo passado por traumas físicos e psicológicos. No próximo tópico, iremos compreender como é representado o poder feminino através das personagens Dalva e Lucy.

5.3 Comparação das representações e significações do poder feminino nas personagens Dalva e Lucy em Tudo é Rio

A obra é cheia de sentimentos, emoções, força e autonomia, principalmente envolvendo duas personagens que são muito importantes na história, Dalva e Lucy. Duas personalidades totalmente diferentes, Dalva é meiga, carinhosa e dedicada a família, enquanto Lucy, desde pequena, sempre buscando entretenimento, prazer e aventuras, estando no auge das atenções.

Lucy perdeu os pais ainda criança e acabou indo morar com a tia Duca, irmã do seu pai, mas tinha uma coisa que incomodava a ela, o tratamento da tia com as filhas, não era o mesmo com ela, e com isso, a convivência com a família acabou se tornando insuportável. Mas uma coisa que Lucy gostava era a companhia do tio, pois a medida que ia crescendo, seu corpo ia mudando, e assim começou a seduzir o tio conseguindo o que queria. Na obra Tudo é Rio (2024):

Mas, quando Lucy ficou moça, não era mais possível ignorar a força do corpo dela. Era um convite escancarado. Ela podia estar varrendo o chão, lavando pratos, indo para as missas, podia estar com dores de menstruação. Não importava, Lucy dava vontade de pegar, lambear, dava vontade de ser bicho. Tio Brando não botava o olho nela como queria, tinha medo de perder o controle. Mas Lucy notou que estava sendo desejada. O jogo que ela queria ganhar tinha começado (Madeira, 2024, p. 40).

Segundo o trecho da obra, Lucy quando sentiu a transformação em seu corpo, seduzia o tio diariamente, chegando a um ponto que ele não resistiu, e foi justo nesse dia, que a tia os

flagrou, levando Lucy a ser expulsa de casa e seguindo o rumo da prostituição, em que tanto queria. Foucault (1985):

São perigosas as relações sexuais realizadas quando se é velho: elas esgotam um corpo incapaz de reconstituir os princípios que lhe foram retirados. Mas elas também prejudicam quando se é demasiado jovem. Elas fazem parar o crescimento e perturbam o desenvolvimento dos sinais da puberdade que são o resultado do desenvolvimento do corpo dos princípios semanais. “Nada entrava mais no progresso da alma e do corpo do que um uso prematuro e excessivo das relações sexuais” (Foucault, 1985, p. 131).

Para Foucault (1985), o uso excessivo de relações sexuais, praticadas quando o corpo ainda não está preparado, acaba prejudicando no desenvolvimento normal do corpo e da alma, principalmente quando se está na puberdade. Com isso, Lucy, assim que descobriu que seu corpo era alvo de desejo, começou a usá-lo para conseguir seus clientes, para quando saísse da casa da tia, já ter o que queria, os homens aos seus pés.

Ser mulher da vida, para muitas mulheres é um trabalho dedicado à sobrevivência, mas para Lucy, era por prazer, sentir-se desejada e ao mesmo tempo levar os homens à loucura. Ao interpretar suas ações e seu papel na narrativa, percebe-se que suas escolhas e desejos, são expressas de forma consciente, desse modo, a personagem não se importava com opiniões alheias, ela gostava do que fazia, já que estava determinada com o que queria para sua vida, dar e receber prazer, expressão autêntica de quem ela é, ressignificada como uma afirmação de sua liberdade, ajudando a entender sua determinação e autonomia.

Entretanto, existe “alguma vergonha” em frequentar esse tipo de mulheres - vergonha e também gastos; o que, sem dúvida, retira um pouco de valor ao acontecimento anunciado pelo sonho que a representa. Mas é sobretudo o lugar de prostituição que introduz um valor negativo: e por duas razões, uma é de ordem linguística: embora o bordel seja designado por um termo que significa ateliê ou oficina (*ergasterion*)- o que implica significações favoráveis- ele também é chamado de cemitério, “lugar para todo mundo”, “lugar comum” (Foucault, 1985, p. 27).

Na percepção de Foucault (1985), a prostituição é vista como um trabalho sem valor, negativo de baixa reputação, comparando o bordel a um cemitério, lugar em que todo mundo frequenta. Assim, o autor levanta uma questão bastante complexa sobre a prostituição, atribuindo um valor social e linguístico, a esses espaços que muitas mulheres trabalham.

Dessa forma, a personalidade forte da personagem busca uma espécie de autonomia e poder sobre seu próprio corpo, escolhendo o que realmente quer, decidindo e controlando suas próprias ações. Assim sendo,

Os homens chegavam, dezenas deles, a sala da casa e esperavam Lucy aparecer e decidir quem ia ser feliz naquela noite e quando ia custar. Nada de reservas, leilões

ou revelações ameaçadoras de fortunas e prazer. Ali, prefeito ou faxineiro tinham o mesmo prestígio: nenhum. Valia era a vontade de Lucy, mais nada. Ela surpreendia e adorava o espetáculo. (Madeira, 2024, p. 120)

É mostrado nesse fragmento, a casa onde Lucy trabalhava vivia sempre lotada, ela tinha o privilégio de escolher quem queria, exercendo uma espécie de controle e domínio sobre os homens, adorava a sensação de poder sobre eles. Venâncio, marido de Dalva, também frequentava o espaço, mas não dava a mínima importância para Lucy, ele era o único que a desprezava, e isso enlouquecia Lucy, fazendo com que ela tentasse de tudo para conquistá-lo.

Desse modo, Lucy tentava convencer Venâncio a ficar com ela todos os dias, chegando até a invadir o quarto do bordel, em que ele estava. Com a insistência de conquistar Venâncio, acabam juntos e Lucy engravida dele. Mesmo com a barriga e cuidado com o enxoval do bebê, sempre pensava em continuar com a sua vida, parar e formar uma família, até passava pela sua cabeça, mas isso não iria funcionar, assim que deu à luz, deixou a criança na porta de Dalva e continuou com o que sempre gostou de fazer. Essa decisão pode ser uma afirmação de liberdade de escolha pelo que realmente deseja, um entendimento sobre si mesma.

Adentrando agora na segunda personagem, Dalva, menina de família, que ajudava sempre a mãe nas tarefas de casa e na venda em que o pai trabalhava, sempre sorridente, não tinha preocupação com nada. Ao conhecer Venâncio, começaram a namorar e logo se casaram, no começo, era tudo lindo, um casal que dava inveja em quem via, mas com o tempo, Dalva engravida, iniciando o começo de uma tragédia. Assim que o bebê nasce, o ódio subiu na cabeça de Venâncio ao ver sua mulher amamentando o filho, sente um ciúme doentio, sem pensar duas vezes partiu para a violência contra o filho e sua mulher.

Por anos, Dalva “puniu” Venâncio, evitando de toda forma o marido, mesmo vendo o arrependimento de perto. A atitude de Dalva, demonstra poder e força emocional, como também uma posição de autonomia e resistência ao lidar com o marido, mesmo diante das dificuldades de não estar com o filho nos braços, manteve uma postura firme, refletindo e encontrando novas formas de entender sua identidade e suas emoções. Madeira (2024)

Dalva ficou, mastigou aquela dor e se alimentou dela. Não podia deixar de lembrar a Venâncio, todos os dias, todas as noites, todas as estações do ano, que ele havia morrido pra ela quando matou o amor deles. Nenhuma palavra, nenhum olhar, nenhuma migalha. Era no desespero dele de não ter mais nada dela que Dalva encontrou forças para sofrer. E sofrer era a única vida possível diante do que tinha perdido (Madeira, 2024, p. 133-134).

Na obra, o desprezo do marido era bem evidente, Dalva sentia uma forte necessidade de ver o sofrimento de Venâncio, que havia tirado seu filho dos braços e a agredido. Mas o que ele não sabia é que ali se escondia um segredo: seu filho estava vivo, mas por medo não contou.

Todos os dias, Dalva ia visitar o filho na casa de Francisca, saia pela manhã e voltava à noite, evitando sempre o marido.

Para mudar o rumo dos acontecimentos, uma criança aparece na porta de Dalva, pois era filho de seu marido com uma prostituta, algo que ela já sabia. A criança era bem cuidada, tinha todo o carinho de Dalva, mas Venâncio não sabia que ali no quarto da mulher havia um bebê, até ouvir choro e desconfiou. Venâncio aos poucos foi se aproximando, ganhando a confiança, brincando escondido com o filho e levando presentes. Com essa mudança do marido Dalva criou coragem e força, o amor pelos filhos ajudou a tomar uma decisão importante, confiar, contar a verdade e trazer seu filho de volta, reconstruindo sua família e seguindo em frente. Assim, a ressignificação pode ajudar superar momentos difíceis e encontrar um novo sentido para vida, ressignificando suas experiências passadas. Dito isto, no próximo tópico, abordaremos a relação das mulheres dentro do campo social, discutindo temas como a violência doméstica.

5.4 A mulher e o enfrentamento da violência doméstica retratado na obra e no meio social.

A violência contra a mulher atinge repercussões em vários aspectos, buscando compreender como esse fenômeno afeta e interfere na vida de muitas mulheres, tanto dentro da obra como fora dela. A qualidade de vida e o bem estar, de fato, afeta muito as vítimas e a sociedade como um todo, segundo a Lei nº 11.340, que rege os mecanismos da violência doméstica e familiar contra a mulher (2006), Art. 6º. A violência doméstica e familiar contra a mulher constitui uma das formas de violação dos direitos humanos. Logo, a dominação masculina e a subjugação feminina estão bastante implicada no sofrimento retratado por elas, tanto a violência física, como a emocional, que na maioria dos casos, o emocional é mais presente, estando associada à tristeza, ao medo, e a preocupação do que pode acontecer, principalmente quando se é humilhada, desprezada e julgada. Madeira (2024):

O mamilo se dobrava passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva se entregava a uma emoção única, dá mais comovente ternura. O momento dela e o filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços e dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou (Madeira, 2024, p. 21).

No trecho da obra, Venâncio se encheu de ciúme ao ver Dalva amamentando o filho, o que levou a cometer violência contra Dalva e a criança. Essa atitude por parte do homem, muitas vezes têm motivos diversos, incluindo experiências passadas vindas do próprio convívio

familiar. No caso de Venâncio, seu pai o agredia quando criança e isso influenciou no seu comportamento agressivo quando adulto.

Nesse ponto, antes mesmo de Venâncio e Dalva se casarem, quando namoravam já existia um sentimento de ciúme por parte do namorado, mas Dalva não deu importância. No entanto, após o casamento, Venâncio se descontrola, passando a acreditar que tinha o poder sobre o corpo de sua mulher e isso afeta o seu casamento. Dentro da obra de Carla Madeira (2024):

O filho tinha nascido de manhã, quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito para o menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado. (Madeira, 2024, p. 20)

Percebemos que Venâncio se descontrola, ao ver sua mulher com seu filho nos braços, usufruindo do que é seu, sem pensar duas vezes, agride sem piedade a mulher que tanto amava e seu próprio filho. Assim, o ciúme do marido se manifesta como forma de poder, de forma excessiva, fazendo com que a magia e o ressentimento tomassem conta de sua casa e do seu casamento. Madeira (2024):

No dia em que Venâncio arrancou o filho dos seus braços quentes e o atingiu longe, ela conheceu a dor desumana de perder tudo. Perdeu o homem que amava, o filho que amava e a fé, Venâncio bateu nela, e a misericórdia de deus não veio ao seu encontro. Continuou viva. Morrer teria sido um gesto de bondade, morta perdoaria deus. Queria a inconsciência, não mais saber, não ter visto, não ter vivido. Mas, ao contrário, o escuro estava aceso como nunca, tudo estava lá no seu corpo pesado e impotente, na sua alma ensanguentada. Não esqueceria. Perdeu todas as palavras (Madeira, 2024, p. 67).

A cena retratada, mostra um amor que foi destruído pelo poder que Venâncio tinha sobre o corpo de Dalva, alimentado por um ciúme doentio do marido. Essa situação trouxe dor e sofrimento, de perder tudo em um piscar de olhos. Dalva fica convivendo com Venâncio por sete anos, punindo e vendo o sofrimento do marido de perto. O que a personagem sente como dor e sofrimento, acaba se transformando em força e aprendizado, ajudando a entender mais profundamente suas emoções e a situação que está vivendo com o marido, mas também tinha a esperança de que tudo voltasse a ser como antes, com confiança, amor e principalmente com o filho entre eles. Dalva ressignifica a sua dor, transformando em força e acreditando na possibilidade de um recomeço.

A dependência emocional, está ligada também ao perdão em relação ao marido, alimenta a expectativa e esperança de que o companheiro mude com o passar do tempo. De

acordo com uma entrevista realizada com Freud “compreender tudo não é perdoar tudo. A psicanálise ensina que devemos evitar. Tolerar o mal não é em absoluto um corolário do conhecimento” (Viereck, 2020, p. 5). Com isso, o perdão para muitas mulheres é uma esperança em reconstruir sua família, desprender do ressentimento, liberando sentimentos negativos como a raiva e a mágoa, abrindo espaço as mudanças do marido e principalmente o amor que ainda existe.

A sociedade e a arte estão profundamente conectadas, formando uma espécie de rede de significados, se encaixando no nosso trabalho, construindo imagens e momentos em diferentes tempos da história e na atualidade. A obra aparece cheias de emoções intensas, e o leitor boia e mergulha nas profundezas da narrativa, Venâncio cheio de ciúme, tomado pelo ódio, acaba destruindo sua família, e na realidade não é diferente, o mesmo acontece com muitas famílias e mulheres fora da obra. O homem se sente superior a mulher e isso pensa que tem poder de maltratar e menosprezar.

De acordo com a pesquisa do educa IBGE a PNS (pesquisa nacional de saúde) em 2019, 72,8% dos casos reportados pelas mulheres de violência física se deu em suas residências. Diante disso, muitos casos de violência ocorrem dentro da sua própria casa, no seu convívio familiar, pelos parceiros que pensam que são superiores e que podem ter o domínio sobre elas, vários casos como questões de ciúmes, alcoolismos e até mesmo machismo. A denúncia quase nunca é feita, por medo de sua família ser destruída e até mesmo do seu próprio parceiro. No trecho do livro de Carla Madeira (2024):

Dalva poderia ter ido embora, ido com a família. Lá a música a faria ela renascer aos poucos. La viveria de novo com Túlio, Elis, Elza, Euclides, Mateus e Isadora, e o amor seria a parte mais banal dos dias. poderia ter denunciado a violência de Venâncio, feito ele ir pagar na cadeia, espalhado sua crueldade em toda a cidade, confessado ao padre o imperdoável, recebendo absolvição para odiar. Poderia ter contado tudo para Aurora e ter dela as palavras certas, o colo amoroso (Madeira, 2024, p. 133).

Diante desse trecho, Dalva poderia ter ido embora, denunciado à polícia, contado tudo para a mãe, mas resolveu ficar e punir o marido, de seu jeito, querendo ver o sofrimento de perto. Passaram-se sete anos de culpa, sofrimento e desprezo da mulher, Venâncio mal via Dalva, pois, ela saía pela manhã e voltava ao final da tarde, já se trancava no quarto, sem falar aonde ia e com quem estava.

A forma em que a personagem encara a situação, é bastante reflexiva, não ter seu filho nos braços, continuar com um casamento sem afeto e confiança, é uma espécie de força interior. No entanto, Dalva sabia o que fazia, queria ter a sensação de vingança contra o marido, em vê-

lo todos os dias angustiado pelo que fez com o filho, isso revela a capacidade de exercer controle sobre a situação. Essa força exercida, mostra uma certa resistência e capacidade de transformação de sua família, buscando no marido uma mudança interna e externa.

Assim, é importante compreender o que se passa na mente de mulheres que sofrem com violência doméstica, buscando resultados e intervenções que possam contribuir e amenizar o sentimento e o sofrimento. É fundamental a criação de unidades de proteção, com objetivo de prevenir a violência, fazendo com que elas se sintam apoiadas e protegidas. No entanto, não tem justificativa para violência, o temperamento, o ciúme, pode ser controlado, respeitando a individualidade do parceiro, aceitando as diferenças e aprendendo a conviver juntos, sem conflitos. De certo modo, na próxima seção, abordaremos como essas mulheres têm o poder de dominar tanto a si mesmas como sua profissão.

5.5 A resignificação e representação do poder feminino

O poder feminino está muito ligado a beleza e jogos de dominação corporal, que procuramos compreender, por qual razão, mobilizam meninas e mulheres a escolhem a prostituição como meio de vida. Dessa forma, a entrada na prostituição está ligada a questões de vender o corpo, associado ao consumo do prazer, independência, reconstrução e de resignificação, ou seja, procurar uma maneira de preencher um certo vazio. Muitas razões que mobilizam uma mulher a tal prática são por necessidade financeira, insatisfação com a família, status social e por prazer, que levam tais garotas a se prostituírem. O significado atribuído à prostituição, é promover um entendimento mais amplo e informado sobre sexualidade na atualidade, ajudando a desconstruir preconceitos. Madeira (2024):

Entre gostar de dar e ser puta vai uma distância que Lucy tratou de aproximar. Não queria dar de graça talvez acreditasse em putas que não existem: as putas rainhas, que mal sabem o que querem e já estão sendo atendidas. Não se encontrava com perfumes, colares, roupas que brilham. Queria era curvar os joelhos, ver aqueles sujeitos tomados pelo desejo, desesperados, pagando qualquer preço, só para poder decidir se os levaria ao inferno ou ao paraíso (Madeira, 2024, p. 47).

De acordo com essa passagem, esse era o pensamento de Lucy, que desde nova já sonhava em exercer seu poder sobre os homens, levando-os ao paraíso dos desejos. Ela buscava resignificar a relação entre poder e sedução, usando esses elementos para alcançar seus objetivos. A prostituta faz de seu corpo seu instrumento de trabalho, oferecendo o poder do corpo em troca de dinheiro, dissociada de qualquer engajamento afetivo, separando mente e corpo, como uma atriz no mundo da realidade, buscando satisfazer seus clientes, como forma de poder. Conforme Foucault (1988), “o poder não é algo que se adquira, arrebate ou

compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (Foucault, 1988, p. 89). Assim, o autor ainda afirma:

[...] que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhes são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações; as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor (Foucault, 1988, p.89).

Segundo Foucault (1988), as relações de poder atuam diretamente dentro da sociedade, influenciando os comportamentos e atitudes das pessoas. O poder, é uma força que está presente nas próprias dinâmicas sociais, gerando desequilíbrio e desigualdade entre os indivíduos.

O poder de satisfação que Lucy tinha com o mundo da prostituição, se relaciona com a realização de desejos e fantasias sexuais, sentimento de liberdade e autonomia. O prazer nessa profissão é dar prazer aos seus clientes, além disso, o uso de maquiagem e roupas ousadas, aumentam o desejo e sedução, tal relação, vai muito além de um aspecto apenas comercial, sentir-se desejada, buscar o domínio sexual, existindo também sentimentos e emoções de ambas as partes, tornando o programa mais agradável. Causar satisfação, alegria e diversão, o importante é fazer os programas sem se preocupar com o tempo, se envolver com os clientes, oferecer um tratamento prazeroso e diferenciado.

De profissão ela era puta mesmo. Trabalhava num puteiro, vivia num puteiro. Mas não era puta só por isso. Se só por isso fosse, podia outros nomes mais respeitáveis, como meretriz ou prostituta. Era puta e pronto, que essa palavra, a seco, carrega um xingamento, que quem conhecia Lucy queria logo desabafar. Tinha um jeito baixo e arrogante de provocar todo mundo esfregando o sexo sem censuras, descobrindo os seios e atirando palavras cruas encharcadas de lama. Uma beleza disputada a tapa pelos frequentadores dava a ela o poder de não bastar aos olhos: quem via Lucy queria degustar (Madeira, 2024, p. 11).

Tendo em vista, essas mulheres se consideram indispensáveis na sociedade e na sexualidade masculina, acreditando serem melhores que as mulheres e donas de casa, buscando satisfazer a todos, obtendo um sentimento que a completa, com jogos de prazer entre sexo, gênero e desejo. Como Carla Madeira apresenta sua personagem Lucy, dentro da obra Tudo é Rio: “Eu pratico o gozo e não o sofrimento” (Madeira, 2024, p. 11). Nesse cenário, as mulheres podem assumir a posição de dominadora sobre aqueles que desejam realizar suas fantasias e desejos sexuais.

Além disso, para a construção de nosso trabalho é fundamental destacarmos que o propósito desta pesquisa é analisar como acontece a representação e ressignificação do poder

feminino nas personagens Dalva e Lucy no romance contemporâneo Tudo é Rio da autora brasileira Carla Madeira. Dessa forma, para encontrar objetivos, é preciso contribuições para que o desenvolvimento do estudo seja de perfeita qualidade e importância, para um bom aprofundamento e discussões no estudo dos projetos em relação ao meio social em que vivemos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base em tudo que foi estudado, é possível afirmar que na obra “Tudo é Rio”, o poder feminino nas personagens Dalva e Lucy ganha significados profundos ao longo da narrativa, representando uma força marcada através de seus comportamentos, atitudes e resistência. Ambas demonstram como as mulheres podem exercer seu poder por meio da resiliência, esperança e luta, tornando-se uma expressão de identidade, dando novos significados às suas experiências, transformando emoções e atitudes, além disso, permitindo enxergar as coisas de forma mais leve, positiva e compreensiva.

A presente pesquisa analisa a representação e ressignificação do poder feminino nas personagens ‘Dalva’ e ‘Lucy’ no romance contemporâneo ‘Tudo é Rio’, da autora brasileira Carla Madeira. Ao longo de nossa análise, o livro nos oferece uma reflexão profunda e realista sobre como o poder é exercido, especialmente em relação às mulheres na sociedade brasileira, permitindo observar de perto, que todos os acontecimentos retratados na obra, como a mulher vítima de violência e a mulher da vida estão bastante presentes na nossa realidade.

As personagens Dalva e Lucy, representam diferentes formas de expressar o poder, mostrando que ele está presente no corpo, nas emoções e ações cotidianas, refletindo em suas experiências e o modo como lidam com as situações do dia a dia. Lucy tem o poder de seduzir os homens como o seu corpo e beleza, determinada com o que quer da vida, sem se importar com opiniões alheias; Dalva vive a vida cercada por dificuldades, mas encontra possibilidades de renovação, esperança e transformação em sua família, transformando a dor que sente, através do poder, força e resistência, demonstrando sua coragem e determinação.

Além disso, a narrativa evidencia questões sociais importantes, como a violência doméstica e a prostituição, que infelizmente fazem parte da nossa realidade. Essas questões são retratadas de forma bastante realista, sem romantizá-las, evidenciando questões sociais e econômicas, relacionadas às personagens e ao ambiente em que estão inseridas, refletindo através de uma obra, problemas que acontecem diariamente na sociedade em que vivemos.

Assim, as relações de poder acontecem por meio do corpo, das relações cotidianas, nas ações, força, resistência, emoções como o medo e a esperança. Essas manifestações demonstram que o poder está presente em todos os aspectos de nossas vidas, não apenas dentro de uma obra, mas também na nossa realidade, moldando as interações e comportamentos dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- ALGAR, Instituto. **O Empoderamento Feminino**. Minas Gerais, 2022 - 2025.
- ANDRADE, S. **Saúde e beleza do corpo feminino algumas representações no Brasil do Século XX**; Movimento, Porto Alegre, v. 9, p. 119-143, 2003.
- PALÁCIO, C. **Carla Madeira e o poder das histórias que nos atravessam**. Forbes, 2025.
- BARBOSA, B. **O meu maior prazer é escrever para este blog: a textualização de si em mídia digitais enquanto um dispositivo de autoajuda para mulheres praticantes de Dominação Feminina**; Áskesis, p. 192-209, 2021.
- FERNANDES, C. **ANÁLISE DO DISCURSO reflexões introdutórias**. Edição revista e ampliada, 2008.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GUIMARÃES, R. **Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas**. São Paulo, 2007.
- LEI n. 11.340. (2006). **Lei Maria da Penha**. Brasília, DF: Presidência da República.
- MADEIRA, Carla. **Tudo é Rio**; Record, Rio de Janeiro, 26. ed, 2024.
- RIFF, Agência. **Carla Madeira**. 2025.
- SOUZA, W. **Michel Foucault e o uso filosófico da história**. Revista Páginas de Filosofia, v. 3, p. 49-66, 2011.
- SOUZA, L; SABATINE, T; MAGALHÃES, B. **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.
- VIEIRA, J. **A identidade da mulher na modernidade**. D.E.L.T.A, p. 207- 238, 2005.
- VIERECK, S. **O valor da vida (Uma entrevista rara de Freud)**; São Paulo, 2020.